



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**SOB SUSPEITA: O COMBATE AOS ESTRANGEIROS EM SERGIPE
DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1942)**

Acadêmico (a): Mônica Porto Apenburg Trindade
Prof. Orientador: Dilton Cândido Santos Maynard

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2014**

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como esse não resulta apenas de um esforço solitário. Assim, gostaria de agradecer aos que contribuíram para a conclusão dessa pesquisa, como também, na minha trajetória acadêmica.

Primeiramente, sou grata à FAPITEC pelo apoio a esta pesquisa através do projeto “Memórias da Segunda Guerra em Sergipe” e a COPES, por ter me auxiliado como bolsista remunerada, fornecendo subsídios para realização deste trabalho.

Agradeço ao Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS) por ter me proporcionado oportunidades, conhecimento, disciplina e acolhimento caloroso através de seus integrantes.

Sou imensamente grata ao meu orientador Dilton Maynard, pela paciência, consideração e acima de tudo, por ter acreditado e enxergado em mim um potencial, além do que eu mesma poderia perceber. Agradeço pelas correções, certamente em noites mal dormidas, pelo conhecimento, incentivo e oportunidades ofertadas.

Obrigada a todos os integrantes do GET, que de alguma forma colaboraram comigo, seja dando força, ou prestando solidariedade em momentos cruciais. Agradeço em especial, à Caroline Alencar, minha parceira de pesquisa, pela cumplicidade, apoio e por sempre estar disposta em me auxiliar digitalmente. Também agradeço a Raquel Anne, enquanto incentivadora da minha carreira como pesquisadora e pelo socorro nos momentos difíceis nessa trajetória.

Por último, quero agradecer aos familiares que me apoiaram na minha jornada acadêmica. Primeiramente, sou grata a meu esposo Carlos, pela insistência para que eu retomasse os estudos e pela paciência comigo em momentos de tensão. Agradeço a minha filha Carla por sempre ter recomendado a acreditar em mim e, principalmente, por servir de orgulho seguindo os mesmos passos da sua genitora. Quero agradecer a minha irmã Marta, fonte de inspiração, pela força e alegria demonstradas a cada vitória alcançada por mim. Agradeço a Joelma, minha amiga, pelos conselhos sensatos e por sempre me levar a seguir em frente. Concluindo, sou grata a minha mãe, Zilda Porto, pelo dom da vida e dedico esse trabalho a ela, como fruto de sua primeira filha graduada.

SOB SUSPEITA: O COMBATE AOS ESTRANGEIROS EM SERGIPE DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1942)

Mônica Porto ApenburgTrindade

Este trabalho resulta de atividades de Pesquisa de Iniciação Científica no Projeto “O Nordeste e a Segunda Guerra Mundial: Narrativas do Cotidiano” (POSGRAP/UFS - PIBIC/PICVOL 2013-2014). Pesquisa apoiada pela FAPITEC através do projeto “Memórias da Segunda Guerra em Sergipe” (Apoio do Projeto: PRONEM/CNPq/2011)

RESUMO

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) influenciou significativamente o cenário global, como também produziu um grande número de mortos, frutos dos combates entre os países do Eixo e Aliados. Investigamos nessa pesquisa os impactos desse evento no cotidiano sergipano, devido aos torpedeamentos a navios brasileiros entre os mares da Bahia e Sergipe, em 1942, focando sobretudo no tratamento dispensado aos estrangeiros, considerados “inimigos” do país. O estudo desenvolveu-se a partir da observação de processos-crimes, e relatórios encontrados no Arquivo do Judiciário de Sergipe, como também foram verificados tanto a repercussão dos torpedeamentos nos jornais locais, quanto o posicionamento destes em relação aos estrangeiros. Através da análise da documentação pretendeu-se traçar um perfil dos possíveis suspeitos envolvidos no ocorrido, procurando entender se as suspeitas eram pertinentes, ou se não passavam de xenofobia e perseguição política.

PALAVRAS CHAVES: Segunda Guerra Mundial, Sergipe, Estrangeiros.

1. INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) contribuiu para mudanças no cenário político e favoreceu o aumento da tecnologia. Singularizada pelo grau de crueldade, ela também produziu um número significativo de mortos, frutos dos combates entre os países do Eixo e Aliados. Sua influência atingiu também o Brasil, provocando grandes mudanças. Em lugar de

posição de neutralidade desde a Primeira Guerra (1914-1918), o país assumiu naquele momento uma postura diferente, permitindo a construção de uma base aeronaval em Natal, onde passavam os materiais necessários para o combate à Alemanha, desempenhando considerável papel na estratégia americana em guerra. Suas instalações portuárias foram melhoradas, novos e modernos aeródromos construídos e ferrovias renovadas. O seu desenvolvimento em relação ao exterior alcançou novas dimensões e os seus dirigentes previram um papel mais importante na política mundial. Os tempos de guerra lançaram as bases sobre as quais desencadeariam, no Brasil, notáveis transformações na segunda metade do século. Por sua vez, Getúlio Vargas (1882-1954), encontrou nos torpedeamentos a navios brasileiros entre as costas da Bahia e Sergipe, em agosto de 1942, uma motivação para entrar na guerra apoiando os Aliados.

Devido à ocorrência destes e de outros ataques que já vinham acontecendo, os brasileiros então “neutros e pacientes”, entraram em uma onda de repulsa, à medida que cidade após cidade presenciava as manifestações e a violência contra o Eixo. Queimaram bandeiras dos “inimigos do país” e clamaram por guerra.

O afundamento de navios nacionais em águas nordestinas gerou a morte de centenas de pessoas, provocando uma onda de revolta no país e mobilizando a opinião pública já claramente a favor de uma participação mais efetiva do Brasil no combate ao Eixo.

A Segunda Guerra Mundial foi travada em todos os continentes de maneira direta ou indireta. No continente Americano, o apoio do Brasil aos Aliados já vinha sendo delineado por Getúlio Vargas desde 1939, com o objetivo de rearmamento das suas Forças Armadas e no intuito do país servir como reservatório de matérias-primas aos parceiros de combate (MAYNARD, 2010).

Contudo, apesar desse acordo prévio, não podemos esquecer as oscilações de Vargas anteriormente. 1940 assinalou um ano de grandes vitórias do Exército Alemão ante a Bélgica, Holanda, França, Dinamarca, Noruega, atraindo a atenção do líder brasileiro. Segundo o jornal “O Globo”, houveram recuos e avanços na aproximação entre Brasil e os EUA devido a acordos de ordem econômica, chegando até mesmo ao ponto de Getúlio Vargas proferir discurso simpático ao Eixo após a derrota de Dunquerque pelas forças alemãs (O GLOBO, s/d, p.27).

Considerando a importância deste conflito, o maior do século XX, e buscando observar os desdobramentos dele em Sergipe, este artigo objetiva uma reflexão maior a respeito do tema, considerando o envolvimento traumático de Aracaju nesse embate. Poucas cidades na América do Sul sentiram tão de perto os efeitos da Segunda Guerra e viveram a

experiência dela como algo real, próximo, não somente assistida nos cinemas locais e lida nos noticiários. Em agosto de 1942, cinco navios mercantes foram afundados pelo submarino alemão U-507 causando a morte de mais de 600 pessoas. Corpos chegaram às praias, pessoas saíram às ruas revoltadas, estrangeiros e integralistas foram perseguidos acusados de espionagem (ASSIS; MAYNARD, 2013).

Através desse trabalho propomos um estudo mais aprofundado sobre a influência da Segunda Guerra em Sergipe, observando principalmente os estrangeiros, personagens centrais da nossa pesquisa.

Para tanto, o artigo está organizado da seguinte maneira: após esta introdução seguimos com o debate historiográfico referente ao tema; apresentamos a metodologia utilizada; levantamos uma discussão sobre as fontes encontradas e, por último, apresentamos as considerações finais.

2. A SEGUNDA GUERRA VISTA EM SERGIPE

A pesquisa abrange a influência da Segunda Guerra Mundial em Sergipe, enfocando o fenômeno dos torpedeamentos e suas implicações. Nesse contexto, cabe ressaltar a importância que alguns autores e obras tiveram na investigação desse fenômeno no âmbito local.

Maria Nely dos Santos fala a respeito da semelhante angústia, expectativa e ansiedade manifestadas em Sergipe devido a esse fenômeno. Ela afirma que estudantes, apoiados por outras classes sociais, promoveram passeatas repudiando os primeiros afundamentos de navios brasileiros, em março daquele mesmo ano (SANTOS, s/d). O trabalho da autora é baseado em fontes encontradas no Arquivo Público de Sergipe, como por exemplo, a relação dos sobreviventes dos navios afundados; em Decretos do Governo brasileiro, numa tentativa a nosso ver, de explicar a mobilização do país frente à Guerra legitimando suas atitudes e, por último, adota uma bibliografia que perpassa em grande parte por obras encontradas na Biblioteca do Exército. Frisamos também que Santos não menciona em nenhum momento a perseguição aos estrangeiros após o episódio dos torpedeamentos de agosto de 1942.

Já J. Pires Wynne aborda brevemente a relação dos torpedeamentos e a perseguição aos “súditos do Eixo”. O autor, reproduzindo as notícias dos próprios jornais locais à época, falou dos sucessivos ataques aos navios brasileiros que contribuíram também para protestos contra os súditos do Eixo. Ele informa que em março de 1942, o Governo Brasileiro dispôs

um Decreto-Lei (n.º 4.166) estabelecendo indenizações por atos de agressão contra bens nacionais e contra a vida de estrangeiros residentes no Brasil. Após os constantes torpedeamentos, esses mesmos estrangeiros passaram a ser vistos como inimigos do país e, segundo Wynne, a população então agitada, encarregou-se de cometer diversos tipos de represália contra os “súditos” do Eixo (WYNNE, 1970). Embora o autor mencione no aspecto da perseguição aos estrangeiros, diferentemente de Maria Nely dos Santos, notamos que ele não problematiza o assunto, apenas elabora uma narrativa. A ênfase no seu trabalho é descrever os feitos políticos, no caso do nosso recorte cronológico, de Maynard Gomes e falar das personalidades da época. Sua obra é baseada nos jornais locais, principalmente “O Correio de Aracaju”, no “Diário Oficial” e em fontes encontradas no Arquivo Público de Sergipe, a exemplo da lista exposta por ele dos tripulantes de cada navio torpedeado. As observações desses dois autores foram importantes em nossa pesquisa. Percebemos as diferentes visões dos autores, obtivemos um entendimento embora parcial, da reação popular diante dos torpedeamentos em si e no que tange ao posicionamento dela perante os estrangeiros nesse período e observamos principalmente o quanto a historiografia sergipana ainda precisa avançar no estudo desse tema.

Entre os autores no âmbito local que abordam esse assunto, Ariosvaldo Figueiredo trata do clima de guerra, luto e dificuldades econômicas encontradas em Sergipe nessa época, sem esquecer, contudo, de mencionar o combate aos integralistas e estrangeiros sob a ótica dos jornais locais. Segundo Figueiredo, “O Nordeste”, por exemplo, deflagra campanha aberta contra os “traidores” da pátria, a saber, os estrangeiros e à Ação Integralista, que compunham a Quinta Coluna. De acordo com esse segmento da imprensa, estrangeiros e integralistas, estariam satisfeitos e felizes pelas mortes de brasileiros vítimas da agressão alemã (FIGUEIREDO, 1989). Essa afirmação toca de perto no problema central da nossa pesquisa: as suspeitas recaídas sobre os estrangeiros de participação nos torpedeamentos eram pertinentes, ou não passavam de xenofobia? Como acusar pessoas baseados tão categoricamente em sentimentos? Alegria, felicidade, não são elementos substanciais que comprovem crimes. Vemos na declaração do “O Nordeste”, indícios de xenofobia e Ariosvaldo Figueiredo encarrega-se apenas de reproduzir essa notícia sem maiores questionamentos.

O trabalho do autor é praticamente todo baseado nos jornais, com pouquíssimas leituras de obras que possibilitassem uma visão mais ampla do tema estudado. Embora ele também tenha o intuito de alardear feitos políticos, diferentemente de Pires Wynne, Figueiredo já possui um olhar mais crítico, denunciando as festas feitas pela classe dirigente

em tempos de guerra e a carestia pela qual Sergipe atravessava naquele momento: “A classe dominante, que faz a guerra, não morre nela, prefere comemorar, com muita festa” e ainda: “O Interventor Augusto Maynard Gomes reserva parte do tempo para os assuntos da guerra, ora preocupado com a exportação do açúcar armazenado, ora raivoso com a carestia, que ele não controla” (FIGUEIREDO, 1989).

Outro ponto crucial para nossa pesquisa no que concerne aos estrangeiros, foram as prisões efetuadas e o combate mais incisivo por parte da polícia a esses indivíduos. Tanto Ariosvaldo Figueiredo quanto Pires Wynne, dissertaram sobre isso. Segundo Wynne, as relações entre integralistas e adeptos do Eixo eram estreitas. Logo, várias prisões foram efetuadas e os personagens citados foram considerados criminosos políticos. Da mesma forma, Figueiredo discorre sobre o “convite” feito pela Força Policial e seu subsequente Chefe aos alemães, italianos e japoneses residentes em Aracaju, a fim de declararem suas residências e quanto a impossibilidade de viajarem sem uma licença da própria Polícia, numa demonstração clara do grau de vigilância dispensada a esses indivíduos.

Ainda entre os textos locais, em se tratando da obra de Acrísio Tôrres Araújo, podemos perceber que esse autor aborda o fenômeno dos torpedeamentos e sua relação com a Segunda Guerra de maneira bem superficial, sem maiores detalhes. Semelhantemente à Maria Nely dos Santos, não menciona em nenhum momento a perseguição aos estrangeiros. Cita apenas a “necessidade” que o Brasil teve em efetivar sua participação na Guerra por causa do ataque a Pearl Harbour e da campanha submarina alemã sem restrições, descrevendo as cenas dantescas sofridas pelos sergipanos graças aos corpos mutilados que chegavam dos navios torpedeados (TORRES, 1967). O corte cronológico do autor parte das administrações políticas de cada governo em Sergipe. No caso de Maynard Gomes, Tôrres o coloca no patamar de herói e excelente administrador. É visível a atenção dispensada pelos autores citados a figuras políticas.

Já Raquel Anne Lima de Assis e Dilton Maynard, dentro de uma historiografia mais recente, abordaram também os resultados nefastos dos torpedeamentos no cotidiano aracajuano, devido ao medo, insegurança e revolta que provocaram (ASSIS, 2013; MAYNARD, 2013). Esse texto nos ajudou a perceber melhor os impactos da Segunda Guerra numa cidade pequena e distante da efervescência na Europa. Até então, Aracaju só tinha contato com o conflito através dos cinemas e jornais (ASSIS; MAYNARD, 2013). Ainda conforme Maynard, “a preocupação com a Guerra em território brasileiro circulava de modo periférico. O confronto não era considerado algo a abater-se territorialmente sobre Sergipe. Deste modo, era como algo devidamente localizado, europeizado, que a Guerra chegava

diariamente ao aracajuano”. O trabalho desses autores distancia-se dos demais ao afastar-se em primeiro lugar, de uma perspectiva meramente política dos fatos, de não realizar apenas uma reprodução das fontes como os jornais, por exemplo e, quando abordam mais detalhadamente o cotidiano de Aracaju mostrando a influência da Segunda Guerra em esferas da sociedade sergipana antes não relatadas. Para nosso estudo isso foi imprescindível, pois abriu espaço para entendermos o fenômeno dos torpedeamentos de maneira mais ampla.

Seguindo essa linha mais recente da historiografia local, o artigo de Anailza Guimarães Costa, aponta o tratamento dispensado aos estrangeiros, suspeitos de auxiliarem o Eixo durante o fenômeno de 1942. Ela demonstra como as cenas dantescas presenciadas pelos sergipanos em suas praias, causaram a revolta da população, reagindo violentamente no sentido de perseguir os estrangeiros que residiam em Aracaju à época. Costa, em seu artigo, declara que todo o clima da cidade foi mudado drasticamente após o conflito. Proibição, escassez de alimentos, falta de combustível, só aumentaram ainda mais o ódio aos súditos do Eixo. Estas pessoas sentiram na pele o que é ser perseguido (COSTA, 2012). Figueiredo já apontava para o problema da carestia em Sergipe. Segundo ele, os preços elevados tanto no estado como no país, resultavam de problemas políticos e administrativos, mas que acentuaram-se devido ao episódio dos torpedeamentos em agosto de 1942 (FIGUEIREDO, 1989). Percebemos no texto de Anailza Costa uma visão diferente relacionada aos estrangeiros. Em seu trabalho, esses personagens não são mais reflexo emitido pelos jornais, ou seja, carregando toda culpa pelos torpedeamentos. A autora problematiza o papel dos estrangeiros e abre espaço para nosso questionamento sobre um sentimento de xenofobia, ou desejo de aplicar sobre o outro a culpa pelas mazelas vividas naquele momento.

Analizamos ainda mais um texto que aborda o cotidiano de Aracaju no período de 1939-1945, produzido por Andreza Santos Cruz Maynard. A autora destaca os conflitos que envolveram patrões e empregadas domésticas. Ela mostra também como a cidade enfrentava a revolta da população que passou a atacar residências dos acusados de espionagem e de inimigos do Estado, os *blackouts* e os treinamentos de defesa antiaérea. Em Aracaju os treinamentos foram iniciados em 1943 (MAYNARD, 2012). Mas no que diz respeito às domésticas, Maynard afirma que foi imposto um lugar social a ser ocupado por elas. Com isso, passaram a utilizar os locais públicos, incomodando os grupos mais conservadores da sociedade aracajuana. As domésticas começaram a ser vistas com “perturbadoras da ordem”, pois reuniam-se à noite nos espaços públicos invertendo a relação de poder observada durante o dia no interior das casas dos patrões. O seu comportamento se constituiu como um

inconveniente. Afinal, simples empregadas não podiam frequentar os mesmos locais que os “distintos patrões” (MAYNARD,2012). O texto de Andreza Maynard nos levou a identificar que não eram somente os estrangeiros alvo de perseguição. Tudo que alterava a rotina tida como “normal” aos olhos dessa sociedade mais conservadora, manifestava-se como perigoso. Através dessa leitura, mais uma vez nos perguntamos se as suspeitas recaídas sobre os estrangeiros mostravam-se realmente pertinentes, ou se eles simplesmente foram perseguidos por representarem a desordem de tal cotidiano.

Logo, a partir dessas reflexões, percebemos a necessidade de um estudo mais criterioso sobre os torpedeamentos de agosto de 1942 e sua relação com os estrangeiros. Desta forma, além de buscarmos a contribuição dos autores locais, fundamentamos nosso trabalho por intermédio das fontes e dentro de um aporte metodológico como verificaremos na sequência.

3. ALGUMAS NOTAS SOBRE A METODOLOGIA

3.1. A Organização do Trabalho de Campo

Devido ao repertório diversificado de registros relacionados à pesquisa, utilizamos nessa investigação fontes impressas como jornais, processos-crimes e relatórios no Arquivo do Judiciário de Sergipe, além de leituras que conduzissem à uma interpretação mais ampla e atualizada sobre o tema estudado.

Analisando os jornais podemos averiguar a repercussão dos torpedeamentos no âmbito nacional e em Sergipe, percebemos como os meios de comunicação, atendendo aos interesses do governo, produziram uma imagem negativa em relação aos estrangeiros perante a população, criando um clima generalizado de suspeita e perseguição e o papel da polícia nesse contexto reafirmando, seu lugar de única mantenedora da ordem e disciplina.

Apesar das dificuldades no acesso à documentação, verificamos alguns processos que envolviam estrangeiros nessa época e um relatório do chefe de polícia referente à prisão de alguns deles, em 1942.

3.2. Sobre a Metodologia da História

Na tentativa de interpretar a documentação da nossa pesquisa, é imprescindível pensar na influência de alguns autores neste trabalho. Marc Bloch afirma que o historiador não labuta com fatos e dados isolados, mas interliga-os, tecendo uma espécie de teia compreensiva dentro de um tempo e espaço. Ele também lembra que os juízos falsos e boatos são lentes de aumento por meio dos quais vemos obscuramente as representações mentais coletivas (BLOCH, 2002). Esta advertência foi fundamental para nosso trabalho quando analisamos as manchetes dos jornais que noticiavam sobre os torpedeamentos e no tratamento dispensado aos estrangeiros por tais veículos. Foi necessário interligarmos as notícias com as leituras relacionadas à Segunda Guerra, para compreendermos melhor o contexto e a atitude da Imprensa diante desses fatos.

Antoine Prost na sua obra “Doze Lições Sobre a História”, trata da necessidade da utilização do método crítico, ajudando a confrontar toda documentação, desconfiando dela, ou seja, submetendo-as à veracidade (PROST, 2009). Na pesquisa, nos esforçamos para colocar em prática esse princípio, como também levantamos questões a partir da crítica desses documentos. De acordo com Prost, o historiador suscita questionamentos através de ideias preliminares baseadas em fontes documentais e nos procedimentos de pesquisa (PROST, 2009).

Baseamo-nos também na obra de Astor Antônio Diehl, que nos ensina que o método histórico é um conjunto de regras e estas indicam os processos pelos quais o passado humano é contemporizado como história. Somados a isso, deve-se pensar na crítica histórica objetivando uma garantia maior na revisão sistemática do arsenal de informações das fontes (DIEHL, 2001).

Outro autor importante para nossa metodologia foi Julio Aróstegui, que chama atenção para a importância das técnicas de pesquisa, que nada mais são senão as operações que o pesquisador realiza para transformar fatos em dados, resultando no levantamento de hipóteses, estarem subordinadas aos princípios metodológicos (ARÓSTEGUI, 2006). Partindo disso, procuramos refletir diante dos dados encontrados, por exemplo, se poderíamos levantar a hipótese dos estrangeiros terem sido realmente alvo de xenofobia pela população.

Contudo, tivemos o cuidado de perceber as particularidades locais no levantamento dessas hipóteses e não procurar respostas apenas dentro de um contexto geral. Michel de Certeau descreve que não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação (CERTEAU, 2011).

Por sua vez, Tânia Regina de Luca dialoga com Certeau nesse sentido, refletindo sobre o cuidado na análise das fontes impressas. Havia, segundo ela, um medo em escrever História por meio da imprensa, sob o risco dessa escrita não se enquadrar dentro de uma “verdade” (CERTEAU,2011; LUCA,2005). Nossa tentativa na pesquisa verificando os jornais, não consiste em captar o ocorrido tal como aconteceu, pois sabemos que o que se faz é colher imagens distorcidas, parciais, subjetivas e até mesmo pensar nas lacunas, nos silêncios, dentro do contexto estudado.

O mesmo acontece com os processos e documentos dos arquivos e é preciso ter muito cuidado. Geralmente estes meios de pesquisa aparentam uma falsa impressão de verdade absoluta pela sua oficialidade. Porém, Carlos Bacellar afirma que nenhum documento é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e / ou do órgão que o produziu. Por isso, uma boa dose de desconfiança é o princípio básico a nos orientar nesses momentos, além de uma leitura muito atenta dos autores que já trabalharam na mesma linha de pesquisa (BACELLAR, 2005).

Tratando-se dos processos-crimes, e, talvez o mais difícil documento a ser encontrado em nossa busca, Keila Grinberg reafirma essa dificuldade no seu texto sobre a ligação entre História e os processos criminais nos Arquivos. A autora confessa que, na prática, os processos criminais podem ser encontrados sob a guarda de várias instituições diferentes, e por isso a dificuldade dessa análise (GRINBERG,2009).

Localizar essas fontes, analisá-las interna e externamente, entender sua dinâmica própria e, ao mesmo tempo, cotejá-las com outros documentos para chegar a conclusões mais amplas sobre o contexto histórico em que foram produzidas são apenas alguns dos desafios do trabalho com processos criminais na nossa atual condição de pesquisa (GRINBERG, 2009).

Assim, através da leitura desses autores, podemos construir um aporte metodológico, que nos permitiu analisarmos as fontes com maior rigor, contextualizando-as, comparando-as entre si, tentando levantar os devidos questionamentos e procurando elaborar respostas sempre que possível. Vejamos a seguir a discussão das fontes encontradas no que se refere à repercussão dos torpedeamentos de agosto de 1942.

4. A REPERCUSSÃO DOS TORPEDEAMENTOS NA IMPRENSA

Os torpedeamentos a navios brasileiros nos mares da Bahia e Sergipe obtiveram repercussão nos jornais locais, mas ganharam também as manchetes na Imprensa nacional e internacional. Verificamos nos jornais de circulação nacional como “O Globo”, por exemplo,

uma ênfase à selvageria, audácia e ao ataque surpreendente feito pelos alemães ao Brasil. O periódico fez questão de retratar o repúdio da população e o sentimento de revanche diante de tal ato, somados à necessidade de autoafirmação do Governo enquanto órgão de proteção e manutenção da paz brasileira (O GLOBO, 18/08/42). No entanto, não compartilhamos com essa forma de encarar os fatos tanto por parte do jornal citado, como pela visão, por exemplo, de Maria Nely dos Santos, que promove a nosso ver, uma leitura reproduzida dos próprios jornais: “Todo país foi tomado pela surpresa e indignação. A 18 de agosto as estações de rádio divulgaram a notícia dos cinco afundamentos, provocando violenta reação popular” (SANTOS, p.9).

Ataques desse tipo já estavam sendo registrados anteriormente como o do Comandante Lira (18/05/1942), Gonçalves Dias (24/05/1942) e o Alegrete (26/05/1942). Dilton Cândido Santos Maynard, lembra que o Almirante Karl Doenitz já havia determinado a realização de “manobras livres” pelo submarino U-507, contornando a costa brasileira, desde 07 de agosto de 1942. Segundo Maynard, “apesar de pouco precisa, a mensagem era a autorização para atacar” (MAYNARD, 2010). Ainda de acordo com o autor, o submarino alemão já havia feito outras vítimas em incursões anteriores aos torpedeamentos de agosto de 1942. Logo, visto que os dois estados encontram-se no litoral, e portanto, numa condição geográfica privilegiada, tal ato estava dentro da logística alemã. Já em relação à reação da população, percebemos uma tentativa por parte do governo em incitar e obter o apoio do povo contra o Eixo e a favor dos Aliados.

Nesse mesmo jornal, percebemos manifestações de pesar das demais nações do continente em favor da Marinha Mercante Brasileira, afirmando que toda a América estava em guerra desde o referido acontecimento. Somados a isso, o Governo mostrou-se como agente vingador, anunciando o confisco dos bens e navios do Eixo para responderem pelos prejuízos materiais sofridos pela Marinha Mercante (O GLOBO, 18/08/1942). Ariosvaldo Figueiredo aponta que, em Sergipe, o Interventor Augusto Maynard Gomes testemunhou, em 17 de agosto de 1942, uma verdadeira romaria ao Palácio do Governo manifestando luto e pesar pelos ataques acometidos à Força Naval Brasileira (FIGUEIREDO, 1989).

Averiguamos também nos jornais locais as notícias referentes aos torpedeamentos. O “Folha da Manhã” apresentou a seguinte manchete: “O ataque do eixo aos navios brasileiros é considerado como agressão às Repúblicas americanas” (Folha da Manhã, 25/08/1942, nº347). Por sua vez, notamos que o “Correio de Aracaju” preocupou-se em falar a respeito dos destroços dos navios afundados e dos corpos de suas vítimas. A edição de 18 de agosto, noticia os inúmeros cadáveres que chegavam à praia do Mosqueiro e a tentativa por parte dos

órgãos competentes em identificá-los. Pires Wynne afirma que o afundamento das embarcações não revoltou tanto quanto as notícias das mortes e desaparecimentos principalmente de mulheres e crianças. Talvez por isso o autor exponha na sua obra uma longa lista de nomes dos mortos e desaparecidos de cada navio torpedeado em agosto de 1942 (WYNNE, 1970). Após discutirmos a respeito da repercussão dos torpedeamentos pela Imprensa, veremos a seguir o modo como os meios de comunicação tratavam os estrangeiros nesse contexto.

5. OS ESTRANGEIROS NA VISÃO DA IMPRENSA

Debruçando nosso olhar agora sobre os estrangeiros, procuramos observar o tratamento dispensado a eles por intermédio da Imprensa, na tentativa de compreendermos se as suspeitas de auxílio e participação nos torpedeamentos eram pertinentes ou não. Segundo alguns periódicos, este grupo teria o papel de espionagem dentro do Brasil a fim de passar informações que interessassem aos países do Eixo (Correio de Aracaju, 18/07/1942. p.3). Figueiredo, insinua (sem provar) que a Alemanha teria infiltrado agentes tanto alemães, como brasileiros simpatizantes do nazismo, em vários estados e setores da sociedade, reproduzindo a visão demonstrada através do jornal “O Nordeste” citado por ele em sua obra (FIGUEIREDO, 1989). O tratamento dispensado aos estrangeiros pelo autor é de conspiradores e, juntamente com os integralistas, de componentes da “Quinta Coluna”, lhes atribuindo assim, um papel de subversão, sabotagem e clandestinidade (FIGUEIREDO, 1989). Também podemos observar, por exemplo, no próprio “Correio de Aracaju”, que a tarefa de espionagem não coube somente aos germanos. De acordo com a informação verificada, a Gestapo utilizou noruegueses, franceses e húngaros, fingindo serem refugiados, como meio de desviar a atenção sobre os alemães (Correio de Aracaju, 03/08/1942. p.2).

Percebemos também como o governo, na tentativa de legitimar seu discurso, colocou a população como verdadeiros incomodados com a presença dos “eixistas” no estado (Correio de Aracaju, 22/10/1942.p.2). Figueiredo menciona que o povo sergipano associou por si mesmo, os torpedeamentos à espionagem estrangeira. Mas, lembremos que haviam outras intenções por trás dessa atitude. De acordo com Maynard, Vargas já vinha delineando o apoio aos aliados desde 1939, objetivando a consolidação de seus projetos políticos e econômicos, em detrimento aos “eixistas” (MAYNARD, 2010). Incitar a população contra os estrangeiros, aguçando seu sentimento nacionalista e deixando transparecer que isso teria partido da própria

iniciativa popular, talvez fosse um dos métodos mais eficazes para os planos dos Governos de Getúlio Vargas e Maynard Gomes.

Analisando “O Globo”, examinamos também que os estrangeiros, principalmente alemães, sofriam constante vigilância, ou “Vigilância Sem Trégua”, como explicitava a manchete na edição de 22/08/1942. Essa notícia estava relacionada com a averiguação de bases clandestinas para os submarinos alemães no litoral brasileiro. Segundo o periódico, o Chefe de Polícia de Sergipe à época, afirmou: “não acredito que existam tais bases. Mas caso existam, esses homens seriam naturalmente, pelo conhecimento da região e por outras razões, indicados para qualquer ação naquele sentido” (O GLOBO, 22/08/1942). Observamos que nem sempre precisou-se de indícios para surgirem acusações contra os estrangeiros. Bastava simplesmente ser, no caso, alemão para despertar desconfianças.

Outro ponto analisado foram as notícias das prisões de estrangeiros dentro desse contexto. Alguns chegaram a ser presos como suspeitos de praticarem atividades contrárias aos interesses do país, sendo realizadas detenções em vários estados do Nordeste. Da mesma forma, a Imprensa tratou de divulgar amplamente essas ações, exaltando a iniciativa coercitiva de Getúlio Vargas (Correio de Aracaju, 22/09/1942. p.4). Na cidade de Maceió, por exemplo, a manchete do Correio de Aracaju enfatiza a prisão dos “súditos do Eixo” que foram trabalhar no serviço da malária. É curioso notarmos que, segundo a notícia, eles foram presos não por terem sido encontradas provas de seu envolvimento com o nazismo, mas devido ao Estado de Guerra (Correio de Aracaju, 25/09/1942). Tanto é que a polícia os libertou gradativamente à medida que professavam sua lealdade ao Brasil.

Caso semelhante verificamos em Salvador, também numa manchete do “Correio de Aracaju”, falando das prisões dos “súditos do Eixo”. Destaca-se nela a tentativa de demonstrar o papel da polícia como mantenedora da ordem e na função de “prestadora de contas do povo”. Afinal, a população clamava por justiça. Isso conforme percebemos na maioria dos discursos presentes tanto nos jornais quanto na historiografia sergipana (Correio de Aracaju, 19/09/1942).

Observamos ainda que transações comerciais realizadas com firmas estrangeiras foram suspensas nessa ocasião. Segundo o “Correio de Aracaju”, não só essas relações romperam-se, como também estrangeiros foram demitidos de órgãos públicos municipais e contratos de locação de empresas, sociedades e firmas estabelecidas desfizeram-se mediante despachos judiciais:

Os Súditos do Eixo Serão Demitidos. Rio, 11. (ANB) - O Secretário Geral das Finanças da Prefeitura exarou um despacho numa consulta ao Diretor do Patrimônio, relativa a situação dos súditos do Eixo locatários de próprios municipais, determinando que nenhum próprio municipal poderá ser locado à súdito alemão ou italiano ou empresas, sociedades e firmas de que façam parte indivíduos dessa origem. Os atuais ocupantes serão intimidades a desocupá-los no prazo não superior a trinta dias. O despacho determina ainda que o súdito da Alemanha e da Itália, ocupantes do cargo de extranumerário dessa Secretaria serão imediatamente demitidos (Correio de Aracaju, 11/09/1942).

Os jornais aconselharam ao público abster-se de comprar qualquer mercadoria dos estabelecimentos comerciais dos “eixistas” (Correio de Aracaju, 22/08/1942). Somado a isso, existiu um desejo de impor aos estrangeiros nesse contexto, alegando sua traição ao povo por causa dos torpedeamentos, a trabalharem forçados em obras públicas como meio de uma “justa vingança” da população (Correio de Aracaju, 26/08/1942. p.2).

Diante do exposto, percebemos o tipo de tratamento dispensado aos estrangeiros residentes em Sergipe, por determinados segmentos da imprensa local à época do episódio de agosto de 1942. No entanto, objetivando coletar maiores informações e ainda na tentativa de uma melhor compreensão do assunto, comparamos o que foi examinado nos jornais com a ocorrência de algumas prisões efetuadas durante o período mencionado.

6. O RELATO DO CHEFE DE POLÍCIA AO INTERVENTOR

Além da análise dos jornais, procuramos compreender melhor a visão da Imprensa no tocante à repercussão dos torpedeamentos e no tratamento dispensado aos estrangeiros, tentamos encontrar maiores informações na documentação referente ao tema, no Arquivo do Judiciário de Sergipe. No entanto, obtivemos somente um registro: o relatório do Chefe de Polícia Enoch Santiago ao Interventor sergipano Augusto Maynard Gomes, em 16 de outubro de 1942.

A lista feita por Enoch trata de estrangeiros presos mediante suspeitas tanto de auxílio à Alemanha no episódio dos torpedeamentos em 1942, como de estabelecerem possíveis atividades contra o governo. Foram ouvidos ao todo vinte e quatro estrangeiros, entre eles alemães e italianos. Apesar de não termos conseguido encontrar o processo de *habeas corpus* de cada um deles, o que enriqueceria muito a nossa pesquisa, podemos ao menos levantar algumas questões a partir das informações contidas no relatório. Lembremos que segundo Certeau, o historiador não precisa tomar o rumo da incessante busca da verdade, mas deve

procurar compreender as lacunas, os silêncios deixados pela própria história (CERTEAU, 2011).

De acordo com o documento, o primeiro estrangeiro a ser inquirido foi o italiano Nicola Mandarino, sob a acusação de manter em sua casa, segundo a polícia, um verdadeiro arsenal de guerra. Embora radicado no meio sergipano, Nicola sempre manifestava exaltações a seu país de origem, andava ao lado de “súditos do Eixo” e antigos extremados partidários do integralismo. Também pesou sobre ele a acusação de ter uma estação de rádio transmissora; de hospedar em sua fazenda, situada no município de Itaporanga, tripulantes do submarino alemão que torpedeara os nossos navios mercantes e de possuir armas e munições. Maynard cita os desdobramentos que essas suspeitas geraram na vida de Mandarino: “Outros, a exemplo de Nicola Mandarino e João Ouro, tiveram suas casas invadidas por manifestantes, destruindo e pilhando o que puderam. Nessas residências foram encontrados armamentos, explosivos e material propagandístico” (MAYNARD,2010).

Nicola era um homem de posses, provavelmente bem conhecido. A população no momento da chegada a esta capital, dos náufragos do Baependi, correu para a residência de Nicola Mandarino, e não houve quem os controlassem em sua determinação. Afinal, de acordo com Assis e Maynard: “Num intervalo de pouquíssimo tempo, a ofensiva havia causado a morte de 600 pessoas. Revoltada, a população exigiu das autoridades vingança aos mortos” (ASSIS; MAYNARD,2013). A culpa pelos torpedeamentos e suas nefastas consequências, foi atribuída aos estrangeiros residentes em Sergipe. Considerados “súditos do Eixo”, esses indivíduos, a exemplo de Nicola Mandarino, sentiram na pele o peso da cobrança pelas mazelas resultantes daquele episódio.

Contudo, a polícia conseguiu retirar Nicola Mandarino e sua família da própria residência, evitando piores resultados. O artigo de Anailza Guimarães demonstra que os revoltosos, diante de tal atitude das autoridades, resolveram colaborar com o governo (COSTA,2012). Diante do interrogatório policial, o italiano procurou defender-se, argumentando que as armas encontradas pela polícia na sua residência caíram do boral de um soldado, o que aumentou ainda mais as contradições e suspeitas sobre ele.

Outro estrangeiro suspeito foi Hebert Merby. Segundo o relatório, o alemão Merby era um consertador de pianos que aqui apareceu, despertando a maior curiosidade, pelos seus costumes, suas declarações arrogantes nas casas onde trabalhava e seu modo de vida. Em cada residência em que ia consertar piano, deixava a marca de sua suspeita. Enquanto isso, suas mais íntimas relações eram mesmo com o senhor Nicola Mandarino.

Hebert também sofreu suspeitas graças a suas declarações contra o governo brasileiro e em favor da Alemanha. Inclusive, afirmava, de acordo com o relatório, que devia-se aprender a língua germana, pois logo seu país de origem tomaria o Brasil. Bacellar, quando observa que devemos desconfiar sempre do documento, confrontando-o com outras leituras, nos permite perceber a fragilidade da denúncia. Por si mesma, a acusação poderia ter, talvez, algum respaldo. Afinal de contas, Merby parecia querer dominar a nação brasileira por meio da língua alemã, ou seja, mediante vias culturais. Contudo, conhecendo o contexto mais amplo da Segunda Guerra e sua influência no Brasil, consideramos que existiram importantes fatores políticos implícitos na acusação (BACELLAR,2005). Primeiramente, o país estava passando por um processo de americanização, tolerado pelo governo de Getúlio Vargas e legitimado graças à entrada do Brasil na Segunda Guerra, apoiando os Aliados. Por isso, aprender uma língua estrangeira que não fosse a estadunidense, estava fora de contexto naquele momento. Em segundo lugar, o combate ao nazismo naquela época intensificava-se cada vez mais e qualquer pessoa ou elemento que remetesse à Alemanha, seria considerado perigoso. Explicamos assim a fragilidade dessa acusação. Quando Hebert Merby afirma que devia-se estudar a língua germana porque o Brasil seria em breve tomado pelo seu país de origem, me parece apenas uma demonstração de nacionalismo exacerbado (TOTA,2000).

Já na folha vinte e três do relatório, encontramos o italiano Frederico Gentil, residente no Brasil há trinta e sete anos. A única informação a seu respeito, é que não foram encontradas provas de auxílio ou coparticipação nos torpedeamentos. Constatamos ainda na folha vinte e sete outro italiano, cujo nome era Vicente Mandarin. Ele residia no Brasil há 21 anos e de acordo com o documento, as suspeitas não confirmaram-se.

Sobre o alemão Otto Apenburg, na folha quarenta e dois, informa-se que ele teria dito não ter participado do serviço militar na Alemanha e disse considerar o regime nazista uma praga para o mundo. Ainda de acordo com o documento, afirmava não abraçar o comunismo porque ele eliminava o indivíduo. Teria contado também que as leituras de seu agrado eram obras que tratavam dos problemas sociais do mundo.

Carlo Ginzburg ao tratar do processo do moleiro Menocchio afirma o seguinte: “Não é fácil entender pelos autos do processo qual era a reação dos conterrâneos de Menocchio às suas palavras. É claro que ninguém estava disposto a admitir ter escutado com aprovação os discursos de um suspeito de heresia” (GINZBURG,2006). No contexto da Segunda Guerra e principalmente após os torpedeamentos de 1942, Sergipe vivia sob constante vigilância (MAYNARD,2010) e provavelmente os estrangeiros, principalmente alemães, sabiam e sentiam isso na pele. Portanto, não sabemos se as afirmações de Otto Apenburg são frutos de

franqueza e espontaneidade, ou se as afirmações dele, decorreram de uma estratégia para desviar a atenção sobre si. Afinal, quando Otto diz repugnar o comunismo, ideologia voltada à coletividade, procura reforçar tal postura exaltando o individualismo. Deste modo, aparenta querer diferenciar-se dos demais e, conseqüentemente, proteger-se.

O também alemão Rodolfo Von Doehe, argumenta por sua vez, que quando a guerra começou, a fim de orientar alguns amigos sobre geografia da Europa, mostrava um atlas geográfico e discutia guerra. Mas depois que a situação do Brasil se concretizou, entrando na guerra, deixou de mostrar mapas e discutir.

Von Doehe admitia ainda, na folha de número quarenta e cinco, não ser contrário ao regime nazista, achando que o mesmo, poderia dar resultado benéfico para a Alemanha. É curioso apreciarmos como cada um deles possuía discurso próprio em sua defesa. Um exemplo semelhante a Von Doehe é Pellegrino Baroni, outro moleiro citado por Ginzburg em sua obra:

Seus concidadãos o consideravam "mau cristão", "herético", "luterano". Alguém o definia como "excêntrico e fraco de cabeça", ou então até mesmo "acúmulo de tudo (...) um bobalhão. Na verdade, Pellegrino era qualquer coisa, menos bobalhão; durante o processo, soube manter a discussão com os inquisidores, demonstrando, além de grande força de vontade, uma inteligência sutil e certa astúcia (GINZBURG, 2006).

Von Doehe aplica-se perfeitamente nesse perfil já que, apesar do “estereótipo alemão”, agiu com inteligência dizendo ser contrário ao sistema nazista aqui no Brasil, onde estava sendo suspeito, mas não na Alemanha.

Sobre Paul Hangenbeck, alemão, encontramos na folha quarenta e cinco, somente a menção de fazer parte do sistema nacional-socialista. Já a respeito de Otto Carl Weid, também alemão, colhemos mais informações. Segundo o relatório, na folha cinquenta e seis, Carl era Chefe da seção de eletricidade da Fábrica de tecidos S. Gonçalo, em São Cristóvão e fez uma declaração escrita ao delegado de polícia militar e ao prefeito municipal da cidade. Era casado com brasileira. A propósito, parece que o fato de alguns estrangeiros serem casados com brasileiras, os legitimava, talvez pelos laços criados, pela miscigenação, impedindo-os de causarem maiores problemas para o Brasil.

Além de alemães e italianos, encontramos no documento de folha cinquenta e oito, um estrangeiro chamado Kurt Michel, oriundo da região do Sudeto, na Checoslováquia. Segundo informações, Michel declarou “não acreditar terem sido submarinos alemães que torpedeassem os navios brasileiros, porque os alemães não matavam crianças, nem

corresponde ao sentido de honra do moldado alemão” (Correio de Aracaju, 16/10/1942). Empregado da Fábrica de Tecidos S. Gonçalo em S. C., dirigiu igualmente cartas de solidariedade ao delegado e ao prefeito. Foi casado com brasileira.

Já a respeito do austríaco Carlos Sattler, verificamos sua identificação no relatório, folha sessenta e seis, como ex-integralista e técnico de rádio. Foi empregado público do telégrafo da Áustria. Referente à documentação, nenhuma acusação das que pesavam sobre ele se concretizou, nem tampouco auxiliou ou coparticipou dos torpedeamentos. Foi casado com brasileira e possuía filhos.

Também encontramos o nome do alemão Guthem Schmerkel. Segundo consta na folha setenta e um, ele era uma pessoa escolhida pelo consulado alemão, em Boía, para os seus negócios em Sergipe. De acordo com o relatório, Schmerkel afirmou adotar o sistema nazista, em parte, divergindo quanto à questão de raças, perseguição aos judeus e a igreja. Ou seja, divergia dos pontos mais repudiados pela população, no que concernia esse sistema. O estrangeiro agiu parecidamente com Menocchio, que criticava os dogmas eclesiásticos, mas, em contrapartida, se dizia um homem religioso (GINZBURG, 2006). Também foi casado com brasileira.

E por fim, a respeito do Frei Euzébio Walter e Oscar Benthner, ambos alemães, segundo o relatório, folhas setenta e quatro e setenta e oito, não foi apurada nenhuma culpa sobre eles, sendo o último, casado com brasileira e pai de filhos brasileiros.

Pelo que constatamos, podemos fazer os seguintes apontamentos. Primeiramente, percebemos que o grande questionamento da polícia era saber o que esses estrangeiros pensavam sobre o nazismo, e alguns deles, estrategicamente ou não, diziam considerar o sistema uma praga para a humanidade. Lembremos que o Brasil, após entrar na Segunda Guerra apoiando os Aliados, passava por um período de combate ao fascismo, travando-se uma luta contra os “súditos do Eixo”, considerados como verdadeiro perigo à manutenção da ordem e paz dos cidadãos brasileiros e Sergipe, claro, não fugia à regra. Em segundo lugar, estes indivíduos foram indagados quanto à participação nos torpedeamentos, sobre seus estados civis e em relação ao tempo de residência no país. A partir disso, verificamos que o possível fato de terem estabelecido família no Brasil, ou de residirem por muito tempo nele, lhes proporcionavam legitimidade e criava uma espécie de vínculo sentimental com a nação. Mas, atenta-nos mesmo o motivo de serem presos mais por suas declarações inflamadas em favor dos seus países de origem e contra o governo brasileiro, do que mediante provas concretas.

Não cabe a nós, historiadores, julgarmos se esses estrangeiros foram culpados ou inocentes no que diz respeito ao episódio dos torpedeamentos, em 16 de agosto de 1942. Tampouco, conseguimos traçar um perfil de cada um deles conforme nosso propósito, graças às dificuldades em encontrarmos fontes. Porém, entendemos que esses indivíduos simplesmente sentiram sobre si o peso de residirem, talvez, no local certo, mas num momento inoportuno.

Diante do que analisamos, concluímos no mínimo, que muitos dos estrangeiros residentes em Sergipe foram vítimas de xenofobia, o que claro, não impossibilita o fato de haver entre eles possíveis “súditos ou espiões do Eixo”. Todavia, compreendemos que apesar de chegarmos à essa conclusão, ainda existem espaços vazios a serem preenchidos, estratégias em driblar informações, interesses muitas vezes mascarados e implícitos por trás das prisões que precisam ser detectados em futuras pesquisas.

Daí a importância desse trabalho, não obstante ainda possuir um caráter inicial, mas tentando contribuir na construção da historiografia sergipana, tão carente de trabalhos que abordem essa temática.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os torpedeamentos de navios brasileiros entre as costas da Bahia e Sergipe, em agosto de 1942, promoveram a experiência da guerra, não mais como uma realidade distante, observada apenas nas páginas dos jornais ou em filmes exibidos nos cinemas de Aracaju. Esse fenômeno deixou um rastro de morte e medo entre a população sergipana, gerando um clima de desconfiança e repúdio ante o outro, o desigual.

A Imprensa também colaborou para essa atmosfera de apreensão e constante vigilância ao exibir em suas manchetes notas que ratificavam o papel atribuído aos estrangeiros de conspiradores e inimigos do país. Ainda em tais periódicos, encontramos também notícias de transações comerciais desfeitas com firmas estrangeiras nessa ocasião, o impedimento do público em adquirir qualquer mercadoria dos estabelecimentos comerciais dos “eixistas”, demissões destes indivíduos que trabalhavam em cargos públicos e o desejo por parte do Governo de forçá-los a labutarem sem remuneração em obras públicas, como meio de uma “justa vingança” da população.

Através desta pesquisa, podemos perceber como o fenômeno da guerra alterou o cotidiano sergipano interferindo na alimentação, hábitos, economia, política e nas relações sociais. Diante dessas mudanças, alguns estrangeiros residentes em Aracaju foram detidos a

fim de prestarem depoimento sobre possíveis ligações com o Eixo, como está registrado no relato do Chefe de Polícia Enoch Santiago ao Interventor Augusto Maynard Gomes. Procuramos compreender os motivos do tratamento dispensado a estes personagens, suspeitos de atuação nesse evento e, embora tendo dificuldades de encontrar a documentação necessária para ampliarmos nosso conhecimento e respondermos alguns questionamentos, concluímos que esses indivíduos foram vítimas de xenofobia, apesar disso não impossibilitar uma possível presença de agentes espões ligados ao nazismo.

O relato produzido por Enoch Santiago sugeriu que não foi considerado plausível a existência de um suporte logístico aos ataques de agosto de 1942. Todavia, devem-se ressaltar as estratégias semelhantes utilizadas por alguns estrangeiros para se defenderem (por declaração impressa, endereçada a alguma autoridade e à Imprensa), a negação destes de qualquer relação com o país de origem, bem como a rede de solidariedade estabelecida com os integralistas em Sergipe.

Diante do exposto, objetivamos por meio deste artigo, colaborar, embora demonstrando ainda aspectos iniciais, com a historiografia sergipana sobre a tema proposto. Admitimos nossas limitações nessa empreitada, mas também reconhecemos a carência de um estudo mais aprofundado anteriormente por parte dos historiadores, referente principalmente aos estrangeiros no contexto da Segunda Guerra em Sergipe. Assim, pretendemos avançar nessa pesquisa e esperamos que outros profissionais da área, se desdobrem no intuito de trazer ao conhecimento da população, maiores detalhes a respeito dos torpedeamentos de agosto de 1942 e o combate aos estrangeiros.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos e Livros:

ANTOINE, Prost. **Doze lições sobre a história**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009

ARAÚJO, Acrísio Tôrres. **História de Sergipe**. v.2. Sergipe: Gráfica J. Andrade, 1967

AROSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Tradução Andréa Dore; revisão técnica José Jobson de Andrade Arruda. Bauru, SP: Edusc, 2006.p.513-558

ASSIS, Raquel Anne; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O fim do mundo começou no mar: os ataques do submarino U-507 ao litoral sergipano em 1942. **Navigador**, Subsídios Para a História Marítima do Brasil. (ISSN:01001248) Rio de Janeiro, 2013.p.59-68

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos.In. BASSANEZI, Carla, PINSKY,J.org. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto,2005. p. 23-79

CERTEAU, Michel de,. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica Arno Vogel. - 3. ed. - Rio de Janeiro: Forense,2011. p. 45-111

COSTA, Anailza Guimarães. **Os Torpedeamentos no Litoral de Sergipe em 1942: Estrangeiros e Integralistas sob Suspeitas**. *Cadernos do Tempo Presente*. ISSN: 2179-2143; Edição nº 6- 06 de janeiro de 2012, www.getempo.org. Disponível online via: <http://www.getempo.org/index.php/revistas/26-02/artigos/49>. Acesso em: 20/07/2014.

DIEHL, Astor Antônio. **Do método histórico**. - 2. ed.- UPF, 2001. p.19-31

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe**. 3v. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe,1989

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras,2006

GRINBERG, Keila. A História nos porões dos arquivos judiciais.In. **O Historiador e suas fontes**. org. PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina. - São Paulo: Contexto, 2009. p. 119-139

LUCA, Tânia Regina de,.História dos, nos e por meio dos periódicos. In. **Fontes históricas.org**. PINSKY, Carla Bassanezi. - São Paulo: Contexto, 2005. p. 112-153

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. A Batalha Doméstica: Conflitos entre Patrões e Empregadas Durante a Segunda Guerra Mundial. In.**Visões do Mundo Contemporâneo.org**. MAYNARD, Dilton Cândido Santos. - v. 1. - São Paulo: LP-Books. p. 123-145

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O Brasil sob ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial; In.**O Brasil e a Segunda Guerra**. orgs. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; LAPSKY, Igor; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge. ed. Multifoco: Rio de Janeiro,2010

O Globo Expedicionário, **O Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Agência Globo.

SANTOS, Maria Nely dos. **A Participação de Sergipe na Segunda Guerra Mundial**. Programa de educação e pesquisa histórica. Universidade Federal de Sergipe.

TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

WYNNE, J. Pires, **História de Sergipe (1930-1972)**. v.2. ed. Pongetti,1970

DOCUMENTOS

Relatório do Chefe de Polícia ao Interventor

(Correio de Aracaju, 16/10/1942),p.23, caixa 04/1836, Arquivo do Judiciário de Sergipe.

Periódicos

O Nordeste, 28/01/1942. Ano VI, 656

Correio de Aracaju, 18/07/1942, p.3

Correio de Aracaju, 03/08/1942, p.2

Correio de Aracaju, 26/08/1942, p.2

Folha da Manhã, 25/08/1942, n.347

Correio de Aracaju, 11/09/1942

Correio de Aracaju, 22/09/1942, p.4

Correio de Aracaju, 23/09/1942

Correio de Aracaju, 22/10/1942.p.2

Correio de Aracaju, 18/08/1942

Correio de Aracaju,22/08/1942

Correio de Aracaju,19/09/1942

Correio de Aracaju,25/09/1942

Folha da manhã,26/10/1942.n.399

Folha da Manhã,25/08/1942,nº347

O Globo,18/08/1942

O Globo,22/08/1942